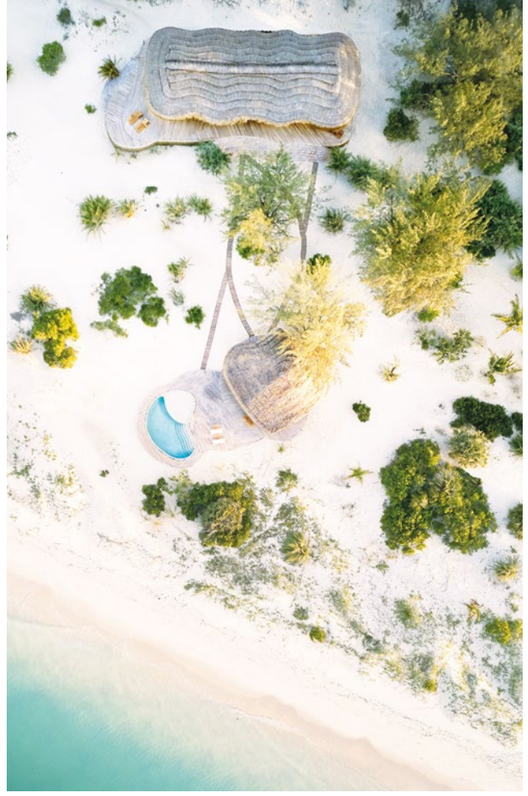
EXCLU-SIVIDADE SUSTEN-TÁVEL

DE ILHAS A MONTANHAS REMOTAS, EMPREENDIMENTOS HOTELEIROS DOS SONHOS E QUE GARANTEM A REAL CONSERVAÇÃO E REGENERAÇÃO DE DESTINOS DOS MAIS COBIÇADOS DO MUNDO

POR MARI CAMPOS
EDIÇÃO DÉCIO GALINA

FERNANDO LOMBARDI

Vista aérea de parte do Kisawa Sanctuary, em Benguerra; abaixo, uma das oito acomodações e ambiente externo do hotel



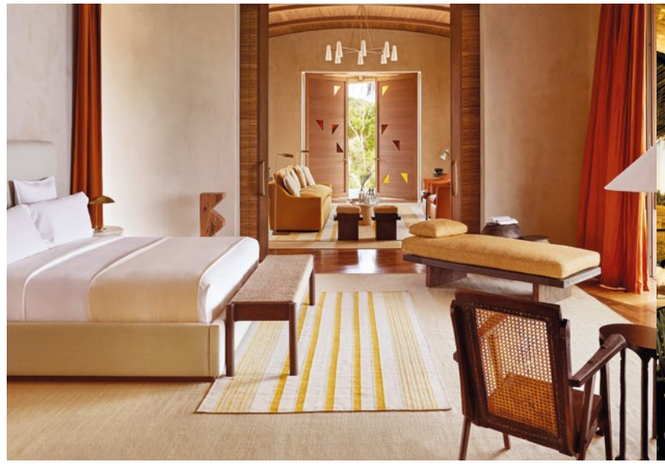
MOÇAMBIQUE

KISAWA SANCTUARY É UM PARAÍSO AFRICANO EM BENGUERRA

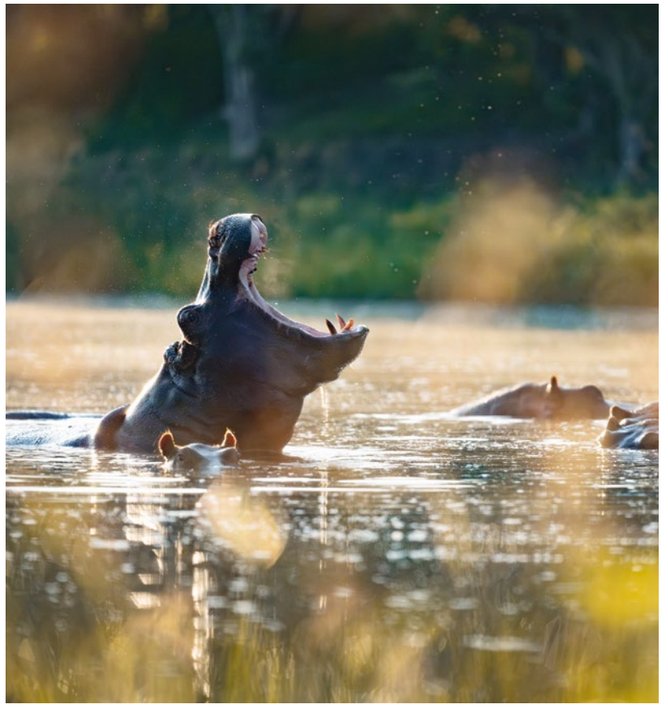
Águas cristalinas, vida selvagem e marinha abundantes, dunas de areia a perder de vista. São seis ilhas diferentes compondo o belo Arquipélago de Bazaruto, em Moçambique; mas é difícil superar a beleza natural da idílica Benguerra, a mais famosa delas. Território 100% protegido e parte de um parque nacional, não foi por acaso apelidada de "pérola do Oceano Índico". Reserva de marinha protegida, Benguerra é acessível somente em barco privativo (35 minutos de viagem) ou helicóptero (8 minutos de voo) a partir da pequena Vilankulos, a cerca de 1h30 de voo de Joanesburgo. Com praias cercadas por dunas, recifes de corais, manguezais e o turquesa do Oceano Índico, é tomada por vegetação selvagem, flamingos, dugongos (espécie semelhante ao peixe-boi, ameaçada de extinção), arraias, golfinhos, baleias-jubarte e muitas, muitas gazelas.

Ali fica a sede do Centro de Estudos Científicos de Bazaruto (BCSS), organização sem fins lucrativos composta por equipe majoritariamente benguerrana que monitora a preservação do arquipélago e da fauna e flora locais, além de contar com um observatório oceânico movido a energia solar. Na ponta sul da ilha, o excepcional Kisawa Sanctuary é uma propriedade com apenas oito imensas acomodações, todas em estilo *villa* privativa, construídas como bangalôs que reproduzem as linhas e as cores da paisagem local, camuflando-se na paisagem. Completamente isoladas umas das outras pela vegetação e pelas dunas, todas têm grandes piscinas, adegas recheadas de bons rótulos de vinhos, acesso exclusivo à praia e adoráveis mordomos 100% dedicados a cada acomodação, 24 horas por dia.

O Kisawa se espalha por 300 hectares de mata nativa, praia e dunas com diárias sempre em sistema tudo incluído (das refeições sempre à la carte à primeira massagem no spa). Inaugurado há menos de quatro anos, já é considerado um dos melhores hotéis do mundo – e também um dos mais sustentáveis, com veículos 100% elétricos, mão de obra local, alimentos regionais, energia renovável, reciclagem completa de resíduos e até tecnologia de impressão 3D na construção. A única dificuldade de uma estadia por ali é a gente criar coragem para ir embora.



Você vai ficar de boca aberta com a quantidade de animais durante os safáris a partir do lodge Wilderness Jao (abaixo, detalhe da propriedade e como ela está inserida na savana)



BOTSUANA

DELTA DO OKAVANGO E O PIONEIRISMO DO **WILDERNESS JAO**

País africano bastante estável e próspero, a Botsuana, ex-colônia britânica, tem exatos 38% de seu território formalmente protegidos. Ali não existe turismo de massa de nenhum tipo e boa parte do país é ainda completamente selvagem, criando um ambiente excepcional para safáris. Seu exuberante Delta do Okavango, Patrimônio Natural da Unesco tomado por planícies, ilhotas e uma complexa rede de canais, compõe um dos ecossistemas mais fartos em vida selvagem do mundo todo, com fabulosas oportunidades de observação do cotidiano animal em qualquer época do ano – incluindo fartura em felinos. No Parque Nacional do Chobe, enormes manadas de elefantes desfilam diariamente diante dos viajantes; no deserto do Kalahari, há pencas de leões, cães-selvagens e até lobos.

Mas na Botswana os safáris não se limitam apenas às saídas em carros: há caminhadas, passeios em *mokoro* (típicas canoas locais) e itinerários em barco entre hipopótamos e crocodilos. Até rinocerontes, antes extintos por lá, estão sendo reintroduzidos com sucesso no país graças a iniciativas como a Rhinos Without Borders, criada pela Great Plains Conservation.

Os *lodges* do país focam no mercado de luxo para financiar a conservação do território em viagens de impacto positivo. A Wilderness, por exemplo, que começou na própria Botsuana sua história de sucesso, hoje opera 20 safáris *camps* em regiões remotas do país. O belo Wilderness Jao, primeiro *lodge* de luxo do país e parte de uma reserva privada de 60 mil hectares no Delta do Okavango, foi recentemente reconstruído por completo para garantir mínimo impacto no terreno, com uso de materiais naturais e reciclados, espaços muito amplos, paredes de vidro e pés-direitos altíssimos, dando total protagonismo à natureza ao seu redor.

São apenas sete exclusivas acomodações, conectadas por charmosas passarelas suspensas de madeira. Todas contam com banheiras e chuveiros panorâmicos, living, sala de jantar e deck com jacuzzi – em diárias sempre com tudo incluído, da massagem surpresa nos pés durante o safári aos excelentes vinhos do minibar. É o hóspede quem decide quando e onde quer fazer cada refeição – inclusive em plena savana, sob as estrelas.

DIVULGAÇÃO

Escultura *My Big Family*, da artista norte-americana Karen Cusolito, testemunha a observação de corpos celestes no céu mineiro e estrelado; abaixo, o restaurante Areião e o Engenho Lodge

DIVULGAÇÃO

MINAS GERAIS

IBITI MESCLA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL, ARTE E PAISAGENS ARREBATADORAS

Margeando o belo Parque Estadual do Ibitipoca, em Minas Gerais, a 2h30 do aeroporto de Juiz de Fora, o projeto Ibiti é fruto de um sonho individual. Encantado com a beleza montanhosa e verdejante da região, o empresário Renato Machado resolveu, ainda nos anos 1980, comprar porções de terra por ali simplesmente para preservá-las. Com o passar dos anos e o aumento do terreno, Machado percebeu que investir em hospitalidade seria um caminho importante para regenerar o destino como pretendia. Hoje, já são mais de 6 mil hectares de natureza exuberante formando o Ibiti, tudo em franco processo de *rewilding*, com áreas de conservação, reflorestamento e recuperação da flora e fauna – além de quatro investimentos em hospitalidade e outros empreendimentos associados (de cooperativa agrícola a escola bilíngue).

Tudo é sustentável, dos carros elétricos à agricultura orgânica abastecendo os restaurantes, do consumo energético inteligente à reutilização de água, da reciclagem e compostagem do lixo à mão de obra local. Ali arte e natureza se fundem com perfeição – como no alto da Pedra do Tatu, onde as imensas e impactantes esculturas *My Big Family*, da artista plástica norte-americana Karen Cusolito, ficam diante de uma das mais belas vistas da região, tomadas por vegetação.

Antes chamado de Reserva do Ibitipoca e Comuna do Ibitipoca, o projeto hoje só pode ser visitado por hóspedes ou participantes de seus eventos esporádicos, batizados de Ibiti Retreats. Para se hospedar, o viajante pode escolher entre o luxuoso e aconchegante Ibiti Engenho Lodge (instalado em um casarão colonial com apenas oito suítes), o criativo Ibiti Village (que transformou em deliciosas acomodações algumas das casas antigas do vilarejo do Mogol, em meio a café, restaurante, cinema, escola, igreja), as casas super-remotas do Ibiti Remote, ou ainda a novíssima Casa de Vidro (totalmente automatizada e com vistas arrebatadoras para a reserva).

As hospedagens acontecem com pensão completa e passeios guiados diários: trekkings em meio à mata, banhos de cachoeira, caiaque, SUP, praia de rio, trilhas em bike e cavalgadas. A gastronomia acompanha o padrão da propriedade: é de primeira.

O Passo de Dochula entre montanhas do Butão; abaixo, o restaurante do *lodge* Thiumpu e o Flying Farmhouse Punakha

BUTÃO

SIX SENSES OFERECE CINCO LODGES NO REINO DA FELICIDADE

Com templos espetacularmente encravados nos Himalaias, vales, arrozais, picos cobertos de neve e espiritualidade latente, o Butão é lar de menos de 1 milhão de pessoas e optou por receber apenas algumas (poucas) centenas de turistas por dia. Chegar nesse pequeno reino asiático, única nação do mundo negativa em carbono, não é simples: apenas suas duas companhias aéreas podem voar para o diminuto aeroporto de Paro. Há altas taxas de visitação (US$ 200 por dia, destinadas ao Fundo de Desenvolvimento Sustentável do Butão) e só é possível ingressar no país guiado e conduzido por cidadãos locais.

O jeitinho de "parado no tempo" (algum ponto da Rota da Seda, talvez?) faz do reino um destino fascinante e complexo. Por muito tempo, o trekking pelos 403 quilômetros da antiga Trilha Trans-Butão era a única maneira de viajar de leste a oeste no país; hoje, é possível fazer o trecho confortavelmente de carro. No entanto, como parte dos novos planos do Conselho de Turismo do Butão, nos últimos anos a trilha (restaurada e com mais de 400 sítios históricos no seu entorno) se tornou uma das rotas de caminhada mais desejadas da Ásia.

O icônico mosteiro debruçado sobre um penhasco Paro Taktsang (ou Ninho do Tigre) continua sendo um dos maiores cartões-postais do país. A complexa trilha para chegar ali ganhou novas escadas, atalhos e áreas cobertas para descanso. A fortaleza Drukgyal Dzong e o precioso complexo de templos Wangdue Phodrang Dzong também foram restaurados.

Na refinada hotelaria local, a rede Six Senses ganhou protagonismo ao criar um itinerário perfeito em cinco *lodges* que conectam Paro, Thiumpu, Punakha, Gangtey e Bumthang. Propondo total imersão cultural, suas propriedades não poderiam ter sintonia maior com o país movido a energia hidrelétrica, já que também têm a sustentabilidade como essência.

Com a peculiar métrica que avalia o progresso do país pelo índice de "Felicidade Nacional Bruta", no Butão os privilégios não estão na arquitetura suntuosa, nos restaurantes estrelados nem nas tecnologias avançadas – mas sim na natureza intocada, nos multicoloridos festivais e na cultura orgulhosamente bem preservada a que o viajante tem acesso cotidianamente de maneira quase íntima. Que sorte a nossa.

Em Galápagos, a melhor maneira de observar as espécies (como as iguanas da última foto) é embarcar em um cruzeiro

GALÁ-PAGOS

SILVER ORIGIN FOI FEITO SOB MEDIDA PARA AS ILHAS DE CHARLES DARWIN

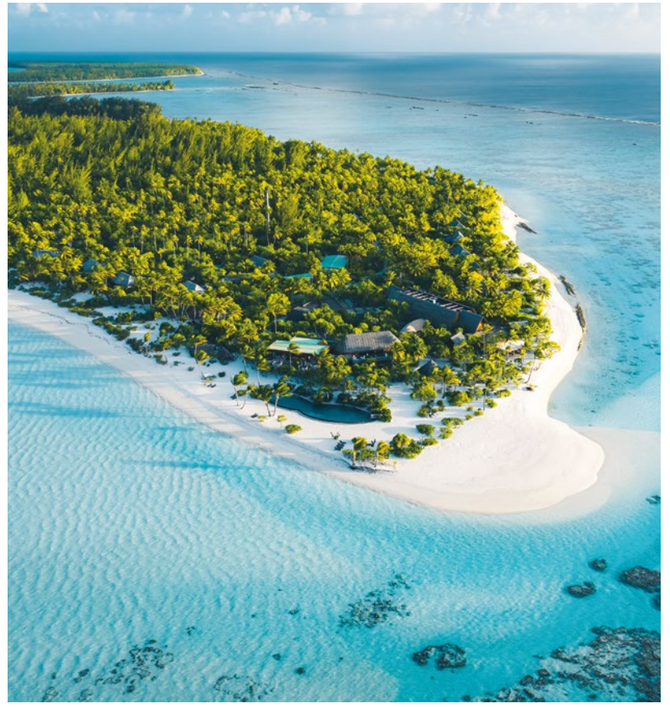
DIVULGAÇÃO

As exuberantes Ilhas Galápagos (Equador) permaneceram praticamente intocadas até que Charles Darwin as inserisse no mapa-múndi ao publicar *A Origem das Espécies*, após explorar a região a bordo do HMS Beagle, em 1835. Até hoje, esse fascinante arquipélago equatoriano, tomado por abundantes leões-marinhos, iguanas, gigantescas tartarugas, caranguejos multicoloridos, arraias, pássaros exóticos (como atobás-de-pés-azuis) e até pinguins, continua sendo um dos destinos mais bem preservados do planeta.

Com seu território tombado como parque nacional e Patrimônio Mundial da Unesco, tem entrada de turistas bastante limitada, impressionante diversidade de flora e fauna, e caminhos abertos sobre fluxos de lava e paisagens que parecem lunares. O arquipélago abrange no total 19 ilhas maiores (das quais apenas Santa Cruz, San Cristóbal, Floreana e Isabela são habitadas pelo ser humano) e mais de 40 ilhotas diferentes, todas repletas de paisagens arrebatadoras e intensamente povoadas por vida selvagem. Segue surpreendente também debaixo d'água: a Reserva Marinha de Galápagos é a segunda maior do mundo, depois apenas da Grande Barreira de Corais da Austrália; e ter a chance de nadar com leões-marinhos e pinguins não é raridade por lá (participar de atividades de mergulho e snorkeling é altamente recomendável!).

A melhor maneira de conhecer Galápagos é em cruzeiro, desembarcando a cada dia em cantos e ilhas distintos, sempre conduzido por naturalistas especializados. As ilhas de San Cristóbal e Santa Cruz recebem voos desde Quito e Guayaquil; com o cruzeiro, dali se chega sem esforços aos pontos mais interessantes do arquipélago. O luxuoso Silver Origin, construído pela Silversea Cruises especificamente para explorar Galápagos, tem capacidade para apenas 100 passageiros e a maior proporção entre tripulação e hóspedes da região – com direito a distintos restaurantes (incluindo lagostas fresquíssimas), suítes com varanda, serviço de mordomo e oito botes Zodiac para explorar ao máximo essas ilhas sem similar.

Para o viajante, Galápagos é a chance de testemunhar a biodiversidade do planeta em seu auge e plenitude. E ainda por cima é destino bom de visitar o ano inteiro (embora as águas fiquem mais aprazíveis no verão).



Isoladas no Oceano Pacífico, as ilhas de Tetiaroa, na Polinésia Francesa, escondem tesouros cinematográficos como o The Brando (ao lado)

POLINÉSIA FRANCESA

TETIAROA: A JOIA DO PACÍFICO QUE ENCANTOU MARLON BRANDO

Areias branquinhas, praias desertas, abundante vida marinha, farta vegetação nativa, corais em plena forma, mar turquesa de doer os olhos de tão bonito. Se existe uma "encarnação" perfeita da ilha de Robinson Crusoé, ela provavelmente atende pelo nome de Tetiaroa. Esse adorável atol formado por três ilhotas (motus) de coral faz parte das Ilhas Sociedade, repleto de arraias, tartarugas marinhas e exóticos – e raros – pássaros. Tem ainda uma impressionante produção de mel (mais de 200 quilos por mês!).

Desconhecida até os anos 1960, Tetiaroa (antes local de férias da realeza taitiana) foi então apresentada a Marlon Brando, que buscava um lugar remoto para tirar férias ao concluir um filme. O ator caiu de amores por sua beleza avassaladora e decidiu comprar para si o atol. Foi somente muito tempo após sua morte que a família de Brando resolveu transformar essa joia do Pacífico em hotel. Hoje considerado um dos mais sustentáveis e luxuosos do planeta, o premiado The Brando ocupa sozinho o atol inteiro, com 35 acomodações, todas em formato de *villas* privativas no Motu Onetahi (o único habitado). Hospedar-se ali segue sendo a única maneira de conhecer esse pequeno paraíso.

A arquitetura em boa parte biofílica do The Brando garante mínimo impacto no solo e na vegetação local. Todas as *villas* do resort (que é totalmente all inclusive) têm piscinas privativas, adegas completas e acesso direto à praia – sem praticamente ninguém à vista ao longo do dia. Os restaurantes servem alta gastronomia, o spa tem tratamentos personalizados, e todas as atividades oferecidas (de snorkel e mergulho a caminhadas e passeios de barco) são acompanhadas por um cientista-pesquisador da Tetiaroa Society (centro de pesquisa científica e de sustentabilidade que administra a ilha).

O atol é mantido a energia renovável (são mais de 3.700 painéis solares) e Tetiaroa tem seu próprio (e ultrassustentável) sistema de ar-condicionado: o SWAC (Sea Water Air Conditioning), que usa água do mar para o resfriamento, de maneira autossuficiente e em looping, devolvendo água limpa ao oceano ao final do processo. Sustentabilidade e exclusividade aliadas à máxima potência no endereço mais luxuoso do Pacífico Sul.